

ANÁLISE DA COESÃO E DA COERÊNCIA EM REDAÇÕES DE ENSINO MÉDIO¹

Valdênia Teixeira de Oliveira Pinto (UFF)

RESUMO

No presente trabalho, analisaremos, em redações do 3º. ano do ensino médio, o funcionamento das redes coesivas, verificando como contribuem para a coerência, sabendo que esta se refere justamente ao conjunto de relações semânticas e pragmáticas que, identificadas pelo receptor em confronto com seu conhecimento prévio, permitem a construção do sentido global do texto.

Além de expormos os pressupostos teóricos nos quais a pesquisa está ancorada, discorreremos, por se tratar de Produção Textual, sobre os conceitos de texto de alguns autores renomados, relacionando os fatores de textualidade e priorizando os conceitos de Coesão (destacando o esquema proposto por Halliday & Hassan) e o de Coerência (com destaque não só para o enfoque apresentado por Koch e Travaglia.2001, como também para os de Halliday & Hassan.1991, Oliveira.2001 e Bastos. 200).

Vale lembrar que as redações analisadas são do último ano do ensino médio de uma escola estadual localizada no município de São Gonçalo.

Prendemos com esta pesquisa estar contribuindo para uma releitura do trabalho pedagógico que está sendo desenvolvido na escola, dando subsídios ao professor para a análise e discussão de todo processo de aprendizagem da escrita

Em suma, tentaremos apontar que recursos faltam aos alunos do ensino médio para que possam se proficientes na produção de textos escritos.

Palavras-chave: Coesão; Coerência; Textualidade

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo descrever os processos de organização textual utilizados pelos alunos do ensino médio, baseando-nos principalmente em dois conceitos que tratam dessa organização: a coesão e a coerência. Procuraremos investigar sobre a questão do ensino da escrita, quais são as falhas e as dificuldades apresenta-

¹ Trabalho resultante da monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Língua Portuguesa em outubro de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Lygia Maria Gonçalves Trouche.

das em textos escritos. Supostamente, espera-se que este aluno na fase final do ensino médio saiba produzir textos bem formados, articulados e com expressividade.

Sabemos que a escola tem como finalidade principal ensinar o aluno a ler e a escrever. No entanto não é o que temos observado especialmente no ensino médio. A prática pedagógica atual tem mostrado um resultado insatisfatório no que diz respeito à formação de competentes alunos-produtores de textos, com proficiência lingüística e capacidade criativa. Pesquisas como esta apontam que o simples fato de freqüentarem as salas de aulas não garante aos alunos uma boa formação lingüística, para que sejam indivíduos informados, que leiam, escrevam, assumindo-se sujeitos de suas produções textuais.

Tal quadro nos aponta para a necessidade de uma mudança na postura do professor quanto ao seu aperfeiçoamento, a qualidade dos textos produzidos e a avaliação dessa produção. Avaliar um texto é estar atento ao domínio dos recursos de encadeamento das informações e idéias, a escolha do vocabulário adequado, ao domínio dos mecanismos gramaticais da língua, ao emprego dos sinais de pontuação pertinentes e essas habilidades só se adquirem a partir do momento que os textos sejam vistos como gêneros integrados em diferentes práticas sociais. Conforme Fiorin (1997: 8-9):

O problema central de nossa escola é que tem ela uma concepção inadequada do texto. Ele é visto como uma grande frase ou como uma soma de frases. Ora, não é uma coisa nem outra. A escola vê o texto como uma grande frase ou uma soma de frases, pois ensina a estruturar o período a maior unidade sobre a qual se debruça. E exige que os alunos produzam textos.

Sendo assim, faz-se necessária uma reflexão sobre a metodologia utilizada, pois as dificuldades dos alunos, no que diz respeito à produção textual, pode também estar na imagem inadequada que a escola transmite do processo de construção da escrita. Dessa forma, precisamos trabalhar o texto em sala de aula como desencadeador das atividades no estudo de Língua Portuguesa e facilitador da interlocução, conforme nos ensina Geraldi (1995: 135) ao considerar “a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo processo de ensino-aprendizagem da língua”.

Pretendemos com essa pesquisa estar contribuindo para uma releitura do trabalho pedagógico que está sendo desenvolvido na es-

cola, dando ao professor subsídios para a análise e discussão de todo o processo de aprendizagem da escrita.

O estudo que aqui empreendemos, propõe uma reflexão: o que fazer para que os alunos, a partir de uma análise dos fatores de textualidade, cheguem ao ensino médio produzindo e lendo eficientemente textos.

Vale ressaltar que trabalharemos com redações de alunos do último ano do ensino médio noturno de uma escola pública localizada no município de São Gonçalo.

Nos capítulos seguintes, formularemos objetivos e hipóteses concernentes à pesquisa buscando problematizar o ensino de produção textual e compreender por que razão os alunos ao término do ensino médio ainda não são capazes de produzir textos bem elaborados.

No quarto capítulo, além de expormos os pressupostos teóricos nos quais a pesquisa está ancorada, discorreremos, por se tratar de Produção Textual, sobre os conceitos de TEXTO de alguns autores renomados, relacionando os fatores de textualidade priorizando os conceitos de COESÃO, destacando o esquema proposto por Halliday & Hassan, e o de COERÊNCIA, com destaque não só para o enfoque apresentado por Koch e Travaglia (2001), como também para os de Halliday & Hassan (1991), Oliveira (2001) e Bastos (2001).

O quinto capítulo será reservado à análise das redações, que vale ressaltar, são do último ano do ensino médio de uma escola estadual localizada no município de São Gonçalo.

Em suma, tentaremos apontar que recursos faltam aos alunos do ensino médio para que possam ser proficientes na produção de textos escritos.

Um trabalho direcionado aos recursos que a língua oferece, tende, hipoteticamente, a provocar uma mudança nesse quadro?

A opção de trabalhar com o texto e com aspectos da lingüística textual, não com frases isoladas, melhora a capacidade e a criatividade do aluno em relação à produção textual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Escrever é comunicar-se, é interagir; comunica-se, interage quem tem o que dizer, a quem dizer, e um objetivo que pretende alcançar através da interlocução”. (Soares, 2002: 18)

Aqui, buscamos alguns pressupostos teóricos que serviram de base para a nossa pesquisa. Discorreremos, inicialmente sobre alguns conceitos de texto, para depois então tratarmos da questão dos fatores da textualidade, privilegiando a coesão e a coerência, tema do nosso trabalho.

Conceitos de texto

Bentes (2001) trabalha o conceito de texto sobre duas fases distintas de estudo.

Uma estuda os trabalhos dos períodos da “análise transfrásica” e da “elaboração de gramáticas textuais” em que se acreditava que as propriedades que definiam um texto estariam expressas, principalmente, na forma de organização de material lingüístico. Dessa forma, para ele, existiriam textos e não-textos, onde a primeira seriam formadas por seqüências lingüísticas coerentes em si e a segunda por seqüências lingüísticas incoerentes em si.

Outra, as condições de produção e de recepção dos textos e é entendida não mais como uma estrutura acabada, mas como parte de atividades mais globais de comunicação.

Para Koch (1997: 21), “trata-se de tentar compreender o texto no seu próprio processamento de planejamento, verbalização e construção.

Podemos dizer com Duarte (2003) que:

Quando usam a língua, os falantes não produzem palavras ou frases isoladas, desligadas umas das outras e do contexto situacional e discursivo. Pelo contrário, tanto os produtos resultantes de uso primário da língua na situação básica da conversa como os que resultam do uso da língua escrita em situações não pessoais, tanto os produtos de um só locutor como os que resultam da atividade colaborativa de vários falantes são objetos dotados de sentido e de unidade, ou seja, são produtos coesos internamente e coerentes com o mundo relativamente ao qual devem ser interpretados. A tais produtos chamam-se textos.

Dessa forma, para que seja realizada com sucesso a comunicação, um texto precisa estar de acordo com a situação geral em que vai ocorrer: quem são os interlocutores, qual a relação social entre eles, em que local acontece etc.

Segundo Bentes (*op. cit.*, p. 254-255) o conceito de texto deve levar em conta que:

- A produção textual é uma atividade verbal, isto é, os falantes ao produzirem um texto, estão praticando ações, atos de fala. Sempre que se interage por meio da língua, ocorre a produção de enunciados dotados de certa força, que irão produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não seja(m) aquele(s) que o locutor tinha na mira.
- A produção textual é uma atividade verbal consciente, isto é, trata-se de uma atividade intencional, por meio da qual o falante dará a entender seus propósitos, sempre levando em conta as condições em que tal atividade é produzida, nessa concepção, o sujeito falante possui um papel ativo na mobilização de certos tipos de conhecimentos, de elementos linguísticos, de fatores pragmáticos e interacionais, ao produzir um texto. O sujeito sabe o que faz, como faz e com que propósito faz;
- A produção textual é uma atividade interacional, ou seja, os interlocutores estão obrigatoriamente e de diversas maneiras, envolvidos nos processos de compreensão de um texto.

Ainda segundo Bentes, (2001),

- Um texto sempre será constituído de uma multiplicidade de significações, tudo dependendo de diversos fatores, entre eles, a intenção de quem produz e, da parte do leitor ou destinatário, a disponibilidade de aceitar aquilo que é dito.

Citamos abaixo alguns conceitos de autores renomados:

- Um texto é o resultado de ato de comunicação produzido por um sujeito numa situação contratual de troca social, daí ele se caracteriza pelas propriedades gerais de todo fato linguageiro (“fait langagier”), a saber sua materialidade significante (oral, escrito, mímico gestual e icônico) organizada em sistemas, suas regras de formação e de construção linguística (morfologia, sintaxe, tanto no verbal, no gestual, como no icônico), seus procedimentos de organização discursiva. Pelo fato de ser produzido numa situação contratual, o texto depende, para a sua significação, daquilo que caracteriza uma situação, a saber: uma finalidade enunciativa, uma identidade dos parceiros de troca, um propósito (tema) como conteúdo tema tico da troca, um dispositivo particular como circunstâncias materiais da troca. Pelo fato de que tem por origem um sujeito, esse texto se apresenta, ao mesmo tempo, com as propriedades da situação

que sobre determinam em parte o sujeito e com as propriedades singulares do fato da intervenção individual desse sujeito. (Charaudeau, 1997)

- Todo componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um jogo de atuação comunicativa, caracterizado por uma orientação temática e cumprindo uma função comunicativa identificável, isto é, realizando um potencial ilocutório determinado. (Schmidt, 1978).
- Texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais. (Beaugrande, 1984).
- Ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de uma unidade sócio-comunicativa, semântica e formal. Uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de função sócio-comunicativa. (Val, 1993).
- Uma manifestação verbal construída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas sócio-culturais. (Koch, 2002).
- É preciso, pois pensar o texto como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como evento, portanto, em que, conforme Beaugrande (1997) convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, ações por meios das quais se constroem interativamente os objetos-de-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, com função de escolhas operadas pelos co-enunciadores entre as inumeráveis possibilidades de organização textual que cada língua lhes oferece; como um construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado, cujos segredos é preciso desvendar para compreender melhor esse “milagre” que se repete a cada nova interlocução – a interação pela linguagem, linguagem que, como dizia Carlos Franchi, é atividade constitutiva. (Koch, 2003)
- O texto é um produto da atividade discursiva. Em um texto circulam, interagem e se integram informações várias, explícitas ou implícitas evidentes por si mesmas ou dependentes de interpretação. Por isso, um texto é necessariamente fruto de uma construção de sentido em que cooperam quem o anuncia e quem o recebe”. (Azereido, 2000).
- Texto é uma unidade de língua em uso; é melhor compreendido como uma unidade semântica, uma unidade não de forma, mas de significado.” (Halliday e Hasan, 1976).

Observa-se, a partir desses conceitos, que as opiniões convergem para um mesmo ponto: todo texto parte de uma intenção comunicativa e que para se realizar de forma adequada precisa estar de acordo com a situação geral em que vai ocorrer, que são os interlocu-

tores e que são produções organizadas por critérios de coerência e coesão.

Um texto visto fora de suas circunstâncias de produção, tem um sentido plural, é testemunha de múltiplas vozes; nesse caso estamos realizando o discurso. Já um texto, visto em relação às circunstâncias que o produziram, é portador de um sentido plural mais organizado, ordenado, domesticado pela projeção da fala; neste caso estamos realizando o texto.

Todo texto parte de uma intenção comunicativa que, para se realizar de forma adequada, precisa estar de acordo com a situação geral em que vai ocorrer, quem são os interlocutores, qual a relação social entre eles, em que local acontece etc.

Conceito de Textualidade

Textualidade é o conjunto de características que fazem com que um texto seja um todo significativo e não apenas uma seqüência de frases. Para Beaugrande e Dressler (1981) existem sete fatores responsáveis pela textualidade. São eles:

Coerência – por ser responsável pelo sentido do texto é considerada fator fundamental da textualidade. Abrange não só os aspectos lógicos e semânticos, mas também os cognitivos. Dessa forma a coerência é um fenômeno que está ligado à interpretação do texto por parte do interlocutor, ou seja, está ligado diretamente á interlocução.

Coesão – responsável pela unidade formal do texto. Constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais. É decorrente da coerência de um texto.

Intencionalidade – está ligada diretamente à intenção do locutor em construir um discurso coerente numa determinada situação comunicativa. Está relacionado aos protagonistas do ato de comunicação.

Aceitabilidade – esta, por sua vez, está ligada diretamente à expectativa do interlocutor ao que vai ser apreendido. Ou seja, se o texto é coerente, coeso, aceitável.

Situacionalidade - responsável pela pertinência e relevância de um texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto quanto à situação sócio comunicativa.

Informatividade – Diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas, ou não, conhecidas, ou não, no plano conceitual e no formal.

Intertextualidade – essa, “diz respeito aos modos como a produção e recepção de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele, de alguma forma, se relaciona”. (Koch, 2000)

Coesão e coerência

A COESÃO é construída através de mecanismos gramaticais e lexicais, sendo ela a principal responsável pela unidade formal do texto, podemos concluir que é a manifestação lingüística da coerência. Não queremos dizer com isto que é uma questão do que o texto significa, mas de como está edificado semanticamente para a construção dessa significação e possível aceitação.

Segundo Oliveira (2001: 20) “a COESÃO fica na fronteira da sintaxe com a semântica”. Para Bastos(2001: 15) a coesão “está relacionada com a organização textual, ou seja, trata-se de como as frases se organizam em seqüências expressando proposições.” Já para Koch (1999: 24), “a coesão ajuda a perceber a coerência na compreensão dos textos, porque é resultado da coerência no processo de produção desses mesmos textos.”

Halliday e Hassan definem coesão como um conceito semântico referente às relações de significados que existem dentro de um texto. Para eles a coesão se divide em **Coesão Gramatical e a Coesão Lexical**, sendo a primeira expressa parcialmente através da gramática e a segunda parcialmente através do vocabulário. A COESÃO é para esses autores uma relação semântica entre um elemento no texto e um outro elemento que é crucial para sua interpretação. Contudo, para a aceitabilidade de um texto é necessário mais do que a presença de relações semânticas entre os componentes textuais, ele precisa de certo grau de **Coerência** que por sua vez depende de vários fatores interpessoais. Portanto a **coerência** de um texto depende de fatores que são percebidos através das relações formais, semânticas e pragmáticas, que, identificadas pelo interlocutor, ativa seu conhecimento prévio, interage com o locutor, construindo assim o sentido global de um texto. Em suma, um texto, para Halliday & Hassan é extraído através de um discurso que é coerente em dois aspectos: é

coerente em relação ao contexto de situação, portanto consistente em registro, e é coerente em relação a ele mesmo e, portanto coeso.

Dentro dessa perspectiva, a coerência textual (ou conectividade de conceitual) é para Duarte (2003):

Um fator de textualidade que resulta da interação entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo. Assim, uma condição cognitiva sobre a coerência de um texto é a suposição da normalidade do(s) mundo(s) criado(s) por esse texto: um texto é coerente se os elementos/esquemas cognitivos ativados pelas expressões lingüísticas forem conformes àquilo que sabemos ser: (i) a estrutura das situações descritas; (ii) as relações lógicas entre situações; (iii) as propriedades características dos objetos de um mundo <<normal>>.

Dessa forma a coerência textual e fator relevante para a compreensão da mensagem, que por ser uma interativa e contextualizada, requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e habilidades e a inserção desses saberes e habilidades no interior de um ato comunicativo.

A partir desses conceitos, a deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, e passa a ser vista ao modo como o leitor/ouvinte, a partir dos elementos presentes na superfície textual, interage com o texto e o reconstrói como uma construção portadora de sentido.

COESÃO e a **COERÊNCIA** são dois fenômenos com níveis distintos de organização, mas estão intimamente ligados por serem responsáveis pela transmissão do significado do discurso, sendo que a primeira está relacionada com a organização textual e a segunda com o ato ilocucional.

Halliday e Hassan (*apud* Koch, 1991: 19-20) dividem os mecanismos de coesão em cinco categorias, a saber:

Referência – os itens da língua que não podem ser interpretados por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários a sua interpretação são elementos de referência, que pode ser subdividida em **exofórica** (fora do texto) e **endofórica** (no próprio texto). E ainda, se o referente precede o item coesivo tem-se a anáfora e se vem após, a catáfora. A referência pode ser efetuada por meio de recursos de ordem gramatical, podendo ser pessoal (através de pronomes pessoais possessivos); demonstrativa (pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar); ou comparativa (por meio de identidades e similares);

Substituição – colocação de um item no lugar de outro, ocorrendo sempre uma redefinição, pode ser nominal, verbal ou frasal;

Elipse – a substituição por omissão de um item lexical, recuperável pelo contexto, também pode ser nominal, verbal ou frasal;

Conjunção – estabelece relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto, sendo os principais tipos as aditivas, adversativas, causais, temporais e continuativas;

Coesão lexical – é obtida por meio de reiteração (repetição de um mesmo item lexical, ou sinônimos, hiperônimos ou nomes genéricos) e colocação (uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo).

Duarte (2003) diz que:

Quando usam a língua, os falantes não produzem palavras isoladas, desligadas umas das outras e do contexto situacional e discursivo. Pelo contrário, tanto os produtos resultantes do uso primário da língua na situação básica da conversa como os que resultam do uso da língua escrita em situações não pessoais, tanto os produtos de um só locutor como os que resultam da atividade colaborativa de vários falantes são objetos dotados de sentido e de unidade – ou seja, são produtos coesos internamente e coerentes com o mundo relativamente ao qual devem ser interpretados. A tais produtos chamam-se textos.

Para a autora, os processos de sequencialização obedecem aos seguintes mecanismos:

Mecanismos de Coesão Textual:

Coesão Gramatical	Coesão Frásica Coesão Interfrásica (Junção) Coesão Temporal Paralelismo Estrutural Coesão Referencial	
	Reiteração	
Coesão Lexical	Substituição	Sinonímia Antonímia Hiperonímia Hiponímia Holonímia Meronímia

Coesão Gramatical

a) Coesão frásica – os processos de sequencialização asseguram em nível sintagmático e oracional, uma ligação significativa entre os elementos lingüísticos que ocorrem na superfície do texto. Destacam-se:

- Os que asseguram os nexos seqüenciais entre categorias nucleares e os seus especificadores e complementos:

I - ordem de palavras interna dos sintagmas;

II - fenômenos de concordância interna do sintagma, que exprimem, através da presença de marcas idênticas de número e de gênero, a dependência de determinantes, de quantificadores e de adjetivos relacionados ao núcleo nominal.

- Os que asseguram a identificação ou recuperabilidade da estrutura de argumentos de um dado predicador, marcando a relação gramatical que cada argumento mantém, na superfície, com o predicador, ou seja, os processos que permitem identificar a relação gramatical de cada argumento:

I - a ordem básica de palavras de cada língua;

II - o uso das formas casuais dos pronomes pessoais;

III - as preposições que assinalam relações gramaticais.

- Os fenômenos de concordância que exprimem, através de marcas idênticas de pessoa e número, ou de gênero e de número, onexo relacional entre sujeito e verbo, entre sujeito e predicativo do sujeito e entre sujeito e predicativo do objeto.

b) Coesão Interfrásica – indica os processos de sequencialização que apresentam vários tipos de interdependência semântica nas frases que ocorrem na superfície textual. Tal processo, para a autora, acontece através de duas formas: **a paratax** ou subordinação (“colocar ao lado de”) e **a hipotax** ou subordinação (“colocar sob”). Os elementos lingüísticos que assinalam a *junção* são os *conectores frásicos* (conjunções, conectores adverbiais e preposicionais) e as *pausas*.

Dessa forma, conforme Duarte (2003 p, 91), dois grandes processos lingüísticos fazem parte da realização da coesão interfrásica: **a coordenação e a subordinação**. O uso adequado de tais mecanismos garante a unidade de um texto.

c) Coesão Temporal - indica que só existem coesão e coerência numa seqüência textual se a seqüencialização dos enunciados satisfi-

zer as condições conceituais sobre localização temporal e ordenação relativa que são características dos estados de coisas do mundo selecionado pela referida seqüência textual.

Para assegurar a coesão temporal são necessários dois procedimentos: primeiro, a utilização (correlativa) de certos tempos verbais; segundo, que haja uma ordem linear dos membros das seqüências formadas por conjunção: na superfície textual, a descrição de estados de coisas anteriores precede a descrição de estado de coisas posteriores.

d) Paralelismo Estrutural – a presença de traços gramaticais comuns (tempo, aspecto) da mesma ordem de palavras ou da mesma estrutura frásica em fragmentos textuais contíguos. São acompanhados com frequência de processos lexicais coesivos como: reiteração, oposição semântica, etc.

e) Coesão Referencial – para assegurar a coesão referencial é assinalar, através da utilização de formas lingüísticas apropriadas, que os participantes do ato comunicativo, designados por uma dada expressão são introduzidos pela primeira vez no texto, já foram mencionados no discurso anterior, se situam no espaço físico perceptível pelo locutor-escritor ou pelo alocutário, existindo como objetos únicos na memória do locutor ou interlocutor. A coesão referencial desenvolve-se a partir do seguinte esquema:

Coesão Referencial	Exofórica (ou referência)	
	Endofórica	Anáfora Catáfora
	(co-referência)	Elipse

Existe coesão referencial exofórica sempre que, no ato comunicativo um objeto através de uma instrução lingüística é levado ao conhecimento do alocutário. A forma dessa instrução varia em função do conhecimento que o locutor tem - e pressupõe que o alocutário tenha – do referido objeto.

A relação referencial é controlada, na maioria dos casos, pragmaticamente: o objeto em questão só tem uma identidade incontroversa no espaço cognitivo ativado pelo texto, isto é, no espaço cognitivo acionado pelo discurso anterior e pela situação. É o que se passa com a maior parte dos nomes próprios de pessoas, com eu e tu

(nomes próprios do locutor e do interlocutor) e também com o uso de pronomes demonstrativos e possessivos.

Existe a coesão referencial endofórica quando um ou mais fragmentos textuais são interpretados como idênticos, do ponto de vista referencial, a outro fragmento textual presente no texto.

Fragmentos textuais co-referentes constituem uma cadeia anafórica ou referencial. Essas cadeias referenciais podem ter como domínio: a frase simples, a frase composta, a frase complexa ou unidades textuais superiores ao período.

As cadeias anafóricas devem respeitar algumas condições semântico-discursivas e sintáticas:

- a) Para que exista uma cadeia anafórica é necessário que um ou mais fragmentos textuais não tenha(m) referência autônoma, sendo o seu referente estabelecido co-textualmente por outro fragmento textual – **o antecedente**.
- b) Antecedente e termo(s) anafórico(s) deve(m) ter os mesmos traços de pessoa, número e gênero.

Os membros dessa cadeia podem ter realização lexical, sendo, em geral, pronomes anafóricos, pronomes pessoais ou pronomes demonstrativos, podem ainda se nulos, isto é, sintaticamente, categorias vazias.

O termo anafórico que é sintaticamente uma categoria vazia é chamado de **elipse**.

A cadeia anafórica que apresenta a ordem linear antecedente chama-se **anáfora**. O fragmento textual que estabelece o referente da cadeia anafórica ocorrendo no discurso subsequente àquele em que surgem os termos anafóricos chama-se **catáfora**.

Coesão Lexical

Neste processo as expressões lingüísticas que entram numa relação de coesão lexical caracterizam-se pela co-presença de traços semânticos idênticos ou opostos.

Destacam-se os seguintes processos de coesão lexical, definidos pelo tipo de contigüidade semântica entre expressões lingüísticas:

a) Reiteração - A reiteração consiste na repetição de expressões lingüísticas; a contigüidade semântica caracteriza-se, neste caso, pela identidade dos traços semânticos.

b) Substituição - A substituição pode acontecer pela sinonímia – diz respeito à relação de sentido que se estabelece entre dois vocábulos que têm significação muito próxima; por antonímia – refere-se às expressões lingüísticas com traços semânticos opostos, seja numa gradação, ou numa complementariedade; por hiperonímia – indica a relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico; por hiponímia – indica que a primeira expressão mantém com a segunda uma relação de elemento/classe; por holonímia – indica que a primeira expressão mantém com a segunda uma relação de todo/parte; por meronímia – indica que a primeira expressão mantém com a segunda uma relação de parte/todo.

Por estabelecer relações de sentido, a coesão diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma seqüência se liga a uma posterior, mobilizando-se esses recursos com o propósito de produzir textos.

ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, utilizando o esquema proposto por Duarte (2003), o que se objetiva é exemplificar os problemas de coesão textual pesquisado em 30 redações dos alunos do 3º ano do ensino médio noturno. Foi solicitado que eles argumentassem sobre o tema proposto: “A violência”. Antes de iniciarem todos tiveram acesso a textos jornalísticos que discorria sobre o assunto. Consideramos relevante ressaltar que: a faixa etária desses alunos varia entre 28 e 45 anos e que todos os textos aqui analisados foram copiados na íntegra.

Aqui trataremos especificamente sobre os mecanismos de coesão referencial utilizados pelos alunos.

a) Coesão Exofórica

Das redações analisadas, apenas 8 (oito) utilizaram esse tipo de recurso linguístico, sendo que apenas 2 (dois) desses casos ocorreram com pronomes demonstrativos:

1) (...) A violência aumenta a cada dia, pois aqueles que deveriam se preocupar, não estão nem aí (...).

Onde o pronome demonstrativo *aqueles* refere-se a um elemento fora do texto, ou seja, os políticos, os governantes, etc.

2) (...) Será que um projeto de lei mais direcionado a violência resolveria esse tipo de problema? Há os que acreditam (...).

Em que o pronome demonstrativo *os* faz referência não mencionado no texto, ou seja, as pessoas, os eleitores, etc.

Em maior número, 6 (seis), encontramos a referência com remissão ao texto de apoio, pois os alunos acreditam que o professor já sabe sobre o assunto. Na verdade esse tipo de recurso linguístico interfere na coerência de um texto, pois um texto deve ser coerente consigo mesmo. Destacamos que os exemplos abaixo foram retirados do primeiro parágrafo das redações.

Com remissão ao texto de apoio.

1) (...) Antes de mais nada, precisamos deixar claro que o problema em questão precisa ser solucionados o mais depressa possível. (...).

2) (...) Ficamos todos perplexos e acuados com essa situação, porém já estamos cansados de esperar alguma iniciativa por parte dos nossos governantes (...).

3) (...) A polêmica gerada sobre esse assunto sempre dividiu opiniões, pois alguns acreditam que é um problema só do governo e poderia ser solucionado através de programas educativos (...).

4) (...) Esse problema sempre foi motivo de muitos debates (...).

5) (...) Todo político, antes de eleito, promete acabar com essa doença da sociedade, mas até hoje pouco foi feito em relação a isso (...).

6) (...) Acredito que tal situação não se resolverá se não for criado um projeto de lei que tenha propósito de combater a violência urbana (...).

As expressões sublinhadas fazem referência com remissão ao texto de apoio, isto é, todas estão substituindo a palavra *violência*.

b) Coesão Endofórica (Anáfora, Catáfora ou Elipse)

Anáfora

Quando o referente se achar expresso no texto, teremos a referência endofórica. Sendo que, se o referente preceder o item coesivo, teremos a anáfora. Dentre os mecanismos de coesão pesquisados, esse foi o de maior ocorrência. 12 (doze) ocorrências:

Sendo 8 (oito) com **pronomes demonstrativos**:

1) (...) Todos nós pensamos em como resolver esse problema, mas seria muito importante se as autoridades pensassem nisto também. (...)

Onde nisto remete ao pensamento que temos de como resolver esse problema. (a violência).

2) (...) Poderíamos ter alguma esperança se o governo criasse um projeto de lei (...), mas enquanto isto não ocorre (...).

Em que isto faz referência ao projeto de lei.

3) (...) A violência faz parte do nosso cotidiano (...), uma possível solução para este problema seria a criação de um projeto de lei que propiciasse uma melhoria na educação dos nossos jovens (...).

O pronome demonstrativo este refere-se ao que foi dito no início do parágrafo: a violência.

4) (...) Vários são os problemas que ocasionam a violência: o descaso do governo, a fome, o desemprego, a má distribuição de renda (...) tudo isto precisa de solução imediata.

Onde o pronome demonstrativo *isto*, retoma os vários problemas que ocasionam a violência.

5) (...) Pessoas morrem todos os dias, há rebeliões nos presídios, seqüestro relâmpago em pleno dia. Diante deste quadro desesperador a população fica presa em sua própria casa (...).

A seqüência de frases exposta anteriormente é retomada pelo pronome demonstrativo *deste*.

6) (...) Deveria acontecer uma ação conjunta entre policia civil e militar (...), porém esta medida depende de ordem de camadas superiores (...).

O pronome demonstrativo em destaque retoma uma ação conjunta.

7) (...) Precisamos nos unir com o intuito de acabar com a violência. O medo é geral. Não podemos continuar desta forma.(...).

Neste caso o pronome demonstrativo *desta* retoma medo geral.

8) (...) Sei que seria um critério bem severo o desarmamento, mas tenho dúvidas se isto resolveria o problema da violência (...)

Onde o pronome demonstrativo isto faz referência ao critério do desarmamento.

E apenas 4 (quatro) com **pronomes pessoais**:

1) (...) A situação dos policiais é complicada, pois quando temos um problema de violência, eles são os mais cobrados.(...)

Neste caso, o pronome pessoal *eles* refere-se aos *policiais*.

2) (...) Um dia talvez possamos contar com a classe dominante, pois se algo pode ser feito para diminuir a violência, devemos contar primeiramente com ela. (...).

Nesta seqüência o pronome pessoal *ela* esta se referindo a *classe dominante*.

3) (...) Os programas infantis incentivam à violência, pois exibem desenhos violentos. Todos os dias nossas crianças assistem a

lutas, guerras, etc.(...) Não podemos esquecer que **elas** são o futuro do nosso país. (...).

Aqui, o pronome pessoal **elas** retoma a palavra *crianças*.

4) (...) O povo vive cansado dessa pressão diária causada pela violência. O que **eles** precisam fazer é se mobilizarem para mudar esse quadro. (...)

Por **povo** se tratar de um substantivo coletivo, o aluno fez a referência com o pronome demonstrativo **eles** no plural.

Catáfora

Quando o referente estiver após o item coesivo tem-se a catáfora, que nesta pesquisa observamos que ocorreu em menor número. Apenas 2 (duas).

1) (...) Podemos dizer que vivemos numa situação desesperadora, **os** que estão no controle das forças armadas nada fazem, ao contrário, gastam o dinheiro público indevidamente. (...)

O pronome demonstrativo **os** remete para um referente citado após, ou seja, para **as pessoas que gastam o dinheiro público indevidamente**.

2) (...) **Acho porém**, que se não mudarmos imediatamente essa situação o poder paralelo vai tomar conta do país.(...).

O termo **acho porém**, faz uma introdução do que vai ser dito a seguir: **se não mudarmos essa situação...**

Elipse

Os termos anafóricos podem ter realização lexical, sendo, em geral, pronomes pessoais ou pronomes demonstrativos, como vimos acima, ou podem ainda se *nulos*, isto é, sintaticamente categorias vazias.

A cadeia anafórica em que um termo anafórico é sintaticamente uma categoria vazia contém uma *elipse*.

Além dos casos de *elipse de sujeito* que possa ser substituído por um pronome pessoal, encontramos ainda *elipse anafórica*, que pelo contexto pode ser facilmente recuperável.

Neste trabalho, encontramos um reduzido número de redações com esse tipo de mecanismo lingüístico. Apenas 3 (três) com elipse de sujeito.

1) (...) Os marginais não aprendem nunca. **Ficam** presos por longos anos, **cumprem** a pena e em pouco tempo já **estão** atrás das grades novamente.(...).

2) (...) Sempre que acontece um fato mais violento, ou assalto ao banco, os policiais fazem blitz. Ganham um baixo salário e ainda têm que arriscar suas vidas. (...).

3) (...) Com certeza se essa situação não se reverter nossos filhos e netos terão liberdade para curtir uma das melhores fases da vida que é a infância. **Ganharão** de presente um futuro violento. (...).

Os sujeitos dos verbos em destaque, não aparecem nestas frases, mas podemos identificá-los de acordo com as informações apresentadas anteriormente no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, destacamos a importância dos fatores de textualidade – a coesão e a coerência – na produção textual.

Vimos aqui, que:

- Os alunos, de um modo geral, precisam saber utilizar melhor os mecanismos lingüísticos de que a língua dispõe.
- As redações estão contextualizadas com o cotidiano dos alunos.
- O elemento coesivo freqüente é o de referência anafórica, onde aparece em número muito maior do que em quaisquer um dos outros elementos.
- O elemento coesivo menos freqüente é o de referência catafórica.

- Houve um grande número de repetições, devido à baixa utilização do elemento elíptico.
- Houve alguns casos de remissão ao texto de apoio, que geralmente ocorre nas redações. É que o discurso predominante é o de que as autoridades fazem
- O discurso predominante é o de que as autoridades fazem pouco caso do problema da violência.

Em suma, no final dessa pesquisa podemos observar como é claro a falha desenvolvimento da expressão escrita dos alunos da rede pública.

Finalizamos dizendo que, por um lado, se torna necessária uma reflexão por parte dos professores com o intuito de levar o aluno a desenvolver a competência lingüística e, por outro, tanto quanto a presença de recursos coesivos, a produção textual deve ser agradável a quem escreve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de Redação*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BASTOS, Lúcia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENNTES, Anna Christina. *Lingüística Textual*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à lingüística* 1. Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Análise do discurso: controvérsias e perspectivas*. In: MARI, Hugo; PIRES, Sueli; CRUZ, Amadeu Roselli; MACHADO, Ida Lúcia (orgs). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALÉ/UFMG, 1999.

DUARTE, Inês. Aspectos Lingüísticos da Organização Textual. **In:** MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

FIORIN, José Luís. *Elementos de análise de discurso*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

———. SAVIOLO, Francisco Platão. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

GERALDI, João Wanderley. O professor como leitor de texto do aluno. **In:** MARTINS, Maria Helena (org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e Função da Linguagem. **In:** LYONS, John. *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1976.

KOCH, Ingedore. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

———. A produção textual do sentido. **In:** VALENTE, André Crim (org.). *Língua, lingüística e literatura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998a.

———. *Argumentação e linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

———. *Desvendando os segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. *Descrição do português à luz da lingüística do texto – Curso de Pós-graduação: Língua Portuguesa – Visão Discursiva, ensino à distância – UFRJ / Faculdade de Letras; EB / CEP – Centro de Estudos de Pessoal*, mimeo, 2001.

SCHMIDT, Siegfried J. *Lingüística e Teoria do Texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de texto. **In:** *Estudos lingüísticos XXX*. Artigo 200. Marília: GEL/SP. Fundação de Ensino Eurípedes Soares da Rocha, 2001.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.